

## Dos textos pré-psicanalíticos até “O homem dos ratos”: continuidade e transformação da concepção de neurose obsessiva<sup>1</sup>

Ana Sofia Horst Bezuska<sup>2</sup>

Nadja Nara Barbosa Pinheiro<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo pretende demonstrar que, mesmo com as alterações nos fundamentos da teoria freudiana, muito daquilo formulado sobre a neurose obsessiva nos textos pré-psicanalíticos permaneceu, mesmo que em certa medida alterado, integrante da definição de neurose obsessiva na primeira tópica. Para isso, examina-se como essa afecção foi definida nos primeiros textos pré-psicanalíticos, quando era considerada uma neuropsicose de defesa e sua etiologia era localizada na experiência de sedução. Nesse percurso, percebe-se que a clínica das obsessões desempenhou importante papel no abandono da teoria da sedução e fundação da primeira tópica ao fornecer os indícios da existência e potência dos desejos edípicos no psiquismo. A partir de uma análise do caso “O homem dos ratos”, são identificadas diversas noções que foram antecipadas nos textos pré-psicanalíticos sobre as obsessões; entre elas destaca-se o mecanismo de deslocamento; a concepção de sintoma como retorno do recalado e formação de compromisso; os sintomas obsessivos como autorrecriações transformadas relacionadas à sexualidade.

**Palavras-chave:** Neurose obsessiva. Psicanálise. Freud.

---

<sup>1</sup> Artigo parcialmente derivado da pesquisa de dissertação de Ana Sofia Horst Bezuska, orientada por Nadja Nara Barbosa Pinheiro (Horst, 2023).

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Psicologia Clínica: Abordagem Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: horstb\_anasofia@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3221-7891>

<sup>3</sup> Doutora e mestra em Psicologia. Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: nadjanbp@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2927-6177>

## Introdução

Segundo Garcia-Roza (2018), é comum os estudiosos dividirem a Psicanálise em dois períodos: “pré-psicanalítico” e “psicanalítico” propriamente dito. Este passaria a vigorar apenas a partir de 1900, com a publicação do livro “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2019). Essa divisão estática, na opinião de Monzani (2014), é fruto de uma leitura da obra freudiana que considera haver uma ruptura radical entre o Freud anterior e o posterior a 1900, de tal forma que poderíamos deixar de lado as publicações realizadas antes dessa data.

Tomando nosso tema de interesse – a neurose obsessiva –, notamos que essa forma “estática” de compreensão da elaboração teórica de Freud estabelece que os estudos do autor sobre essa patologia se iniciam apenas em 1907, em seu artigo “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/2015), encontrando sua descrição completa em “O homem dos ratos” (1909/2013). Isso permite com que Roudinesco e Plon (1998) afirmem que a publicação desse caso clínico seria considerada, por inúmeros pesquisadores, o marco de interesse de Freud a respeito do tema. Nesse sentido, Ribeiro (2011) aponta ser costume afirmar que Freud, no início de sua obra, se interessava quase exclusivamente pelo estudo da histeria, cujos sintomas se manifestavam principalmente no corpo (forma de desmaios, dores, paralisias histéricas, entre outros), diferentemente da neurose obsessiva, considerada uma “doença do pensamento”.

O presente artigo, no entanto, visa a apresentar uma outra perspectiva sobre essas assertivas; sendo assim, partimos das considerações de Monzani (2014), que sugere existir certa continuidade descontínua na elaboração conceitual de Freud, que se expressa de forma pendular. Quer dizer, alguns temas são temporariamente “esquecidos” pelo psicanalista austríaco para posteriormente serem retomados e discutidos de forma mais complexa. Procuraremos demonstrar como Freud já havia produzido importantes considerações sobre as obsessões em seus artigos originais, assim como em sua correspondência com Wilhelm Fliess. Seguimos, aqui, o alerta feito por James Strachey (em Freud 1896/1986c), segundo o qual, na análise “pré-psicanalítica” dos mecanismos obsessivos, muito do que encontramos teoricamente em “O homem dos ratos” (1909/2013) já havia sido antecipado por Freud. Essa perspectiva nos permitirá sustentar a ideia de que a neurose obsessiva, na realidade, sempre ocupou Freud, mesmo ainda não sendo seu principal objeto de estudo. Nesse sentido, objetivamos demonstrar que a clínica das obsessões desempenhou importante papel na formulação de noções caras à Psicanálise, por exemplo, as que compõem o complexo de Édipo, posteriormente considerado o complexo nuclear das neuroses (Freud, 1909/2013).

Em vista disso, investigaremos, primeiramente, qual era a concepção de neurose obsessiva sustentada por Freud na época de seus primeiros textos – quando era considerada uma das “neuropsicoses de defesa” e cuja etiologia se pautava em uma experiência de sedução sexual infantil ativa. Em seguida, analisaremos como a teoria da sedução se tornou inadequada para a compreensão das neuroses, evidenciando o processo de descoberta de desejos incestuosos e parricidas e a sua relação com a clínica da neurose obsessiva. Em um terceiro e último momento, identificaremos, por meio de uma análise teórica do caso “O homem dos ratos” (1909/2013), algumas concepções e mecanismos que já haviam sido

destacados por Freud anteriormente em seus primeiros escritos sobre a neurose obsessiva e as transformações que sofreram com as mudanças nos fundamentos teóricos da Psicanálise.

## A neurose obsessiva nos textos pré-psicanalíticos

Embora Ribeiro (2011) observe que os estudos freudianos tenham se iniciado, sobretudo, por meio da clínica com a histeria, destacamos que Freud tratava, igualmente, pacientes com outras afecções nervosas, entre as quais pôde especificar a neurose obsessiva. Por sua clareza, reproduzimos as palavras do autor na íntegra.

Fui obrigado a começar meu trabalho por uma inovação nosográfica. Julguei razoável dispor ao lado da histeria a neurose obsessiva (*Zwangsneurose*), como distúrbio auto-suficiente e independente, embora a maioria das autoridades situe as obsessões entre as síndromes constitutivas da degeneração mental ou as confunda com a neurastenia. Por meu lado, examinando o mecanismo psíquico das obsessões, eu havia aprendido que elas estão mais estreitamente ligadas à histeria do que se poderia supor. (Freud, 1896/1986a, p. 139).

A obrigação de especificar a neurose obsessiva já havia começado dois anos antes, como podemos perceber em seu artigo “As neuropsicoses de defesa” (1894/1986b), no qual o autor destaca que essa delimitação se sustentou em sua percepção de que, ao abandonar a hipnose e seguir as associações do paciente que endereçavam ao material patogênico, tornava-se necessário superar uma força contrária a essa tentativa. O que podemos depreender é que, a partir dessa observação, as resistências ao desvelamento do material patogênico foram compreendidas por Freud como as manifestações perceptíveis de um mecanismo psíquico pretérito empreendido pelo paciente, cuja intenção era a de evitar ter de lidar, emocionalmente, com experiências dolorosas. Dessa forma, postula o autor, o Eu, para defender-se, livrar-se-ia, via esquecimento, das representações de “natureza aflitiva, capazes de despertar afetos de vergonha, de autocensura e de dor psíquica, além do sentimento de ser prejudicado” (Freud, 1895/1996a, p. 191).

Freud (1894/1986b) infere, igualmente, que, embora eficaz, esse mecanismo defensivo provocava, em desdobramento, uma divisão na consciência, a qual determinava que a representação incompatível não fosse totalmente eliminada, mas apenas enfraquecida; isto é, produzia-se um desligamento entre a representação desagradável e o afeto a ela vinculado, o qual, em cada patologia, recebe um destino específico. No caso da neurose obsessiva, a representação é afastada da consciência e seu afeto, permanecendo consciente, é deslocado para outra representação inofensiva (Freud, 1895/1986d). Por conseguinte, forma-se uma série de “falsas-ligações” de caráter obsessivo, aparentemente sem sentido, expressas, por exemplo, nas autorrecreminações injustificáveis enunciadas por seus pacientes (Freud, 1894/1986b, 1896/1996e).

Seguindo a trilha das autorrecreminações injustificáveis, Freud (1894/1986b) percebe que elas estavam vinculadas a experiências sexuais proibidas contra as quais o paciente se defendera outrora. Um caso descrito em “As neuropsicoses de defesa” (1894/1986b), no qual uma paciente apresenta várias autorrecreminações, ilustra bem esse mecanismo. Essa

jovem, sempre que lia nos jornais algo sobre crimes (roubos, falsificações e assassinatos), questionava-se se seria ela a autora de tais atos. Ainda que conscientemente soubesse que não o era, recriminava-se e acusava-se para sua família e seus médicos. Partindo do princípio de que o sentimento de culpa da paciente era verídico, o autor, em sua escuta clínica, procurou pela experiência “esquecida” que justificasse tal afeto. E, informa o autor, que, ao longo do tratamento, descobriu que, na realidade, o sentimento de culpa da moça derivava de seu hábito recorrente de se masturbar – uma prática, à época, altamente reprovável, diante da qual a paciente se defendeu tentando esquecer-la e deslocando a culpa para experiências que, em concretude, não havia praticado.

Destacamos aqui que, embora nesse momento de teorização Freud não enfatizasse o sentimento de culpa relativo à neurose obsessiva, este já se manifestava como ponto de apoio às autorrecriminações obsessivas. Como informam Laplanche e Pontalis (2001, p. 473), “o sentimento de culpa foi descoberto, sobretudo na neurose obsessiva, sob a forma das autorrecriminações, das ideias obsedantes contra as quais o sujeito luta porque elas lhe surgem como repreensíveis”, razão por que a prática clínica deveria desvelar quais seriam as experiências pelas quais os pacientes se sentiam culpados e que estariam sustentando as autorrecriminações. Nessa busca pelas situações “esquecidas” vinculadas ao sentimento de culpa, Freud foi encaminhado para momentos cada vez mais pretéritos da vida de seus pacientes, possibilitando-lhe sugerir que o átimo nuclear do adoecimento neurótico se localizaria na infância.

Nesse ponto, Garcia-Roza (2018) indica o encontro freudiano com um impasse de difícil solução. Por um lado, os pacientes relatavam terem sido seduzidos sexualmente por um adulto na infância, porém, por outro, nesse momento de teorização, a ideia sobre a sexualidade infantil ainda não fazia sentido para Freud. Dessa maneira, segundo o comentador, a solução encontrada pelo pai da Psicanálise para resolver essa contenda foi dividir a experiência traumática em dois momentos: primeiro, a criança sofreria a sedução sexual sem que ela se desse conta da natureza sexual do ocorrido; posteriormente, na puberdade, quando a sexualidade já estivesse presente, uma situação (não obrigatoriamente de natureza sexual) evocaria, por meio de uma associação, a cena de sedução (Garcia-Roza, 2018). Assim, o que provocaria a emergência de uma neurose não seria a experiência da sedução em si, mas a lembrança desprazerosa posterior.

Contudo tal construção teórica não solucionava toda a questão sobre a postulação de experiências sexuais infantis como núcleo traumático das neuroses, pois, até então, o sintoma principal da neurose obsessiva, as autorrecriminações, era explicado pela culpa relacionada a atos sexuais recrimináveis. Sendo assim, como entendê-lo relativo a experiências infantis de sedução desvinculadas de afetos reprováveis? Para solucionar esse novo impasse, Freud (1896/1986c) levanta a hipótese de que a experiência de sedução infantil fora vivenciada, pela criança, ativamente e acompanhada de sensações prazerosas, as quais deixariam um lastro de recriminações possíveis.

Para explicar essa nova concepção, Freud (1896/1986c) descreve detalhadamente como seria formada a neurose obsessiva. Em sua proposição, antes de tudo, seria preciso que a criança fosse seduzida, o que permitiria com que o recalque sobreviesse, motivado pela

moralidade e pela repulsa à sexualidade (Freud, 1896/1996b). A sedução seria seguida pela prática de atos sexuais ou de agressão prazerosos, os quais sustentariam a manifestação, posterior, das autorrecriações. Esse período de “imoralidade infantil” termina com a maturação sexual, ocasião em que os atos prazerosos se ligam a uma autorrecriação e são recalçados e substituídos pelo que Freud (1896/1986c) nomeia de “sintomas primários de defesa”, como a conscienciosidade, a vergonha ou a autodesconfiança. Infelizmente, apesar desses primeiros sintomas sinalizarem o início de um período de aparente saúde, são sucedidos por uma falha na defesa que conduz à emergência da neurose.

Dessa forma, na percepção do autor, em um primeiro momento, o Eu luta contra a emergência das representações infantis recalçadas, porém, ao perceber que esse movimento deverá ser incessante, o Eu se vê obrigado, cada vez mais, a encontrar substitutos ao recalçado. Por seu turno, também o afeto sofre um processo de deslocamento e substituições. Por exemplo, as autorrecriações se transformam em vergonha, angústia hipocondríaca, angústia social, medo etc. E, se esses mecanismos se apresentarem insuficientes, o Eu pode recorrer a estratégias defensivas ainda mais drásticas, tais como a tentativa de exercer controle sobre o pensamento, ou a criação de rituais obsessivos, ou a mania de duvidar de tudo etc. (Freud, 1896/1986c).

Nesse sentido, importa-nos destacar que, nesses artigos pré-psicanalíticos, Freud (1896/1996e) postula que há, na neurose obsessiva, uma manifestação patológica de um estado afetivo normal, a autorrecriação, que nesse caso emergiu quando houve uma experiência sexual precoce. As autorrecriações são transformadas e expressas nos sintomas obsessivos como medidas protetivas perpetradas pelo Eu diante da emergência da lembrança de experiências sexuais infantis prazerosas (Freud, 1896/1986c). A natureza obsessiva dessas ideias, adianta o autor, não está relacionada com a crença ou não do sujeito nelas, pois o Eu consciente vê a ideia obsessiva como estranha a si, isto é, ele não acredita nela justamente por causa do sintoma primário de conscienciosidade que o protege no sentido de fazê-lo acreditar ter vivido uma vida moralmente correta (Freud, 1896/1986c, 1896/1996e).

Assim, baseando-se nessas considerações, o autor assevera que, na realidade, o caráter obsessivo de uma ideia advém da impossibilidade encontrada pelo Eu de desfazê-la pela atividade psíquica consciente, dada sua relação com as lembranças infantis recalçadas. Por essas razões, a proposta de tratamento alicerçada por Freud (1896/1986c), nesse momento de sua obra, seria, justamente, descobrir e tornar consciente a ligação da ideia obsessiva com a cena infantil, “resolvendo” o sintoma obsessivo. Para isso, o médico precisa considerar o afeto do paciente como verdadeiro e descobrir quais foram as transformações sofridas em favor das autorrecriações.

## **A neurose obsessiva, os desejos hostis e a formulação do Édipo**

Gostaríamos de destacar que os artigos pré-psicanalíticos não apenas tratam da emergência da teoria da sedução como também de sua derrocada em prol de uma perspectiva teórica na qual a realidade psíquica assume lugar de destaque. Alguns estudiosos sobre o tema (Anzieu, 1989; Garcia-Roza, 2018; Mezan, 1986; Monzani, 2014) informam que inúmeros

fatores concorreram para a percepção freudiana da inadequação da teoria da sedução, entre os quais destacamos dois: a autoanálise de Freud e a clínica da neurose obsessiva. Como procuraremos demonstrar a seguir, ambos foram determinantes para o desvelamento da fantasia e seus elementos correlatos, os desejos infantis amorosos e hostis, tão belamente articulados por Freud no mito de Édipo.

Anteriormente, descrevemos que a teoria da sedução partia do pressuposto de que a neurose era resultado de uma sedução, perpetrada por um adulto em uma criança em sua mais tenra infância. Roudinesco e Plon (1998) informam que Freud, inicialmente, omitiu na descrição de seus casos clínicos o fato de que geralmente os pacientes apontavam o próprio pai como agente da sedução. Nesse sentido, Mezan (1986) observa que a inserção do pai como agente produtor do ato de sedução inquietava Freud, posto que tal premissa implicaria a necessidade de aceitação de que seu próprio pai (assim como ele mesmo) seria provavelmente culpado pelo mesmo ato. Além disso, dado o grande número de casos de neurose, seria necessário supor vários casos de perversão entre os pais, o que não parecia adequar-se à realidade.

Diante desse novo impasse, Mezan (1986) informa que Freud se sentiu instigado a aprofundar suas investigações teórico/clínicas. Nessa empreitada, ele parte da percepção, já destacada anteriormente, de que na neurose obsessiva a sedução era vivenciada ativamente pela criança, acompanhada por sensações prazerosas e seguida por atividades sexuais e agressivas. Tais atividades, posteriormente, tornavam-se fontes das autorrecriminações, expressas de forma transformada nos sintomas obsessivos (Freud, 1896/1986c). Partindo dessa observação, em “Rascunho N” (Freud, 1897/1996f), aprofunda, então, o estudo dessas atividades infantis “ímorais” e descreve que geralmente as atividades agressivas revelam desejos hostis endereçados aos pais das crianças; porém esses desejos se configuram de forma distinta: nas meninas, ele se revela como desejo de morte pela mãe; e, nos meninos, desejo de morte pelo pai. Ainda nesse mesmo rascunho, Freud (1897/1996f) explicita que o desejo hostil endereçado ao genitor do mesmo sexo se ancora em um desejo amoroso de estar ao lado do genitor do sexo oposto. Acrescenta, ainda, que esses desejos infantis permanecerão atuantes por toda vida e se endereçarão às figuras substitutas aos pais da infância. Levando em consideração a imaturidade infantil, Freud percebe que pressupor a existência nas crianças de desejos amorosos e hostis que se transmutam em incestuosos e parricidas leva-o gradativamente ao abandono de uma teoria ancorada na realidade material. Consequentemente, a realidade psíquica, composta por uma trama fantasmática e animada por desejos intensos, começa a ser considerada em toda sua plenitude (Costa, 2016; Monzani, 2014).

Se, por um lado, tal assertiva desloca a problemática da etiologia das neuroses do campo da sedução paterna, por outro, encaminha-a à participação da criança na construção de seu adoecimento. Anzieu (1989), a esse respeito, destaca a importância de Freud, mesmo diante dessa proposição, não se furtar de investigá-la em si mesmo por meio de sua autoanálise. O fruto desse esforço é apresentado pelo próprio Freud (1897/1996c), em uma carta a Fliess, ao descrever uma vivência infantil na qual, durante uma viagem de trem, a visão do corpo desnudo de sua mãe despertou sua libido. O autor não deixa de notar, igualmente, que o nascimento de seu irmão tinha sido acompanhado por um intenso ciúme em relação à mãe e

raiva em relação ao pequeno. Infelizmente, complementa o autor, a morte prematura desse irmão se tornou fonte de autorrecriações que o acompanharam ao longo da vida.

De toda forma, munido desses elementos incontestáveis que versavam sobre a dinâmica amorosa que entrelaça filhos e seus genitores, acrescentado pela relevância da realidade psíquica, Freud (1897/1996d) confia a Fliess ter encontrado no mito de Édipo uma encenação viva de seus aportes teóricos. Nessa missiva, o autor faz a primeira descrição do que posteriormente ficará conhecido como Complexo de Édipo, compreendido como uma experiência universal.

Na tragédia, transcrita por Sófocles (496-406 a.C.), Édipo era filho de Laio e Jocasta, rei e rainha de Tebas. Quando pequeno, Édipo foi entregue por Laio para um pastor para que este o matasse, pois Laio soubera, pelo oráculo, que seria assassinado pelo filho e quis evitar tal desfecho. O pastor, todavia, não cumpriu a ordem e entregou o recém-nascido para o rei e a rainha de Corinto, que o criaram como filho. Quando cresceu, Édipo ouviu falar que não era filho legítimo e, ao procurar o oráculo para saber sobre sua origem, este lhe revela que é aquele que matará o próprio pai e se casará com a mãe. Assustado e buscando evitar tal destino trágico, Édipo parte de Corinto; contudo, no caminho, cruza com um homem, com o qual briga, e o mata. Sem saber, Édipo havia matado o pai, Laio. Nessa época, a Esfinge aterrorizava Tebas matando todos aqueles que não decifravam seu enigma. Édipo foi o único que conseguiu adivinhar a resposta do enigma. Diante disso, a Esfinge se mata e o regente de Tebas, Creonte, oferece a irmã, Jocasta, para ser a esposa de Édipo. Ele se casa com Jocasta sem saber que ela é sua mãe e com ela tem quatro filhos. Tempos depois, a peste e a fome devastam Tebas e o oráculo revela que os males cessarão quando o assassino de Laio for expulso do reino. Quando descobre a verdade, Édipo fura os próprios olhos e se exila, ao passo que Jocasta, por sua vez, se enforca.

Tomando o campo da fantasia como seu guia, Freud (1897/1996d) pôde relacionar o mito de Édipo com o drama de Hamlet, personagem principal da obra homônima escrita pelo célebre autor inglês, Shakespeare (1564-1616). A trama dessa obra gira em torno da hesitação do personagem principal em vingar a morte do pai, assassinado pelo próprio irmão, tio de Hamlet. Curiosamente, Hamlet é alguém inequivocamente cruel, mas hesita quando diz respeito a matar seu tio e vingar o pai. Para Freud (1897/1996d, 1900/2019), a hesitação e inoperância de Hamlet resultam do fato de que ele também desejou um dia, em fantasia, assassinar o pai, como fez seu tio por amor à sua mãe. Assim, Freud sugere que aquilo que o impede de matar o tio é sua consciência moral, que na verdade é a manifestação consciente de seu sentimento de culpa inconsciente por seus desejos parricidas e incestuosos (Freud, 1897/1996d). Portanto, tal como os neuróticos obsessivos, Hamlet é tomado por autorrecriações e escrúpulos que o acusam de ser tão pecador como o tio (Freud, 1900/2019).

Desse modo, ao promover essa aproximação entre Hamlet e Édipo, Freud insere a tese de que os desejos infantis incestuosos e parricidas não precisam se realizar em concretude, basta apenas que um dia eles tenham feito parte da realidade psíquica e tenham sido encenados em fantasia para que seus desdobramentos psíquicos e emocionais sejam efetivados. Assim, o fato de séculos separarem os dois enredos permite que Freud perceba a ocorrência de um diferente processamento do material envolvido e, em *Hamlet*, vê-se o crescente papel do recalçamento “na vida afetiva da humanidade” (Freud, 1900/2019, p. 306). Ou seja,

diferentemente de Édipo, que sofre somente quando descobre a realização dos desejos proibidos, Hamlet sofre os tormentos produzidos por esses desejos apenas fantasiados. A respeito disso, Anzieu afirma que “Hamlet é o exemplo do homem trabalhado por este complexo [de Édipo], habitado por um desejo inconsciente de culpa devido a estes dois desejos, paralisado por ele em suas ações, seus sentimentos, sua vida. A consciência moral nos torna covardes, diz ele” (1989, p. 152).

Baseadas nessas considerações, demarcamos que, se, por um lado, a autoanálise de Freud lhe ofereceu fundamentos para sustentar a tese sobre a universalidade do complexo edípico, por outro, a clínica com a neurose obsessiva sustentou sua convicção a respeito da estreita relação entre esse complexo e a formação das neuroses, razão pela qual Anzieu (1989) destaca como paradigmático um atendimento desenvolvido por Freud nesse momento de teorização. Segundo Freud (1900/2019), esse paciente era um homem que levava uma vida pautada na moralidade e civilidade, entretanto seu cotidiano era extremamente dificultado pelo medo de sair na rua e matar todos que encontrasse no caminho. Com isso, se saísse na rua, o paciente precisava saber o destino de cada uma das pessoas com as quais tinha cruzado, e, se alguém sumisse repentinamente, pensava que poderia tê-lo matado (Freud, 1900/2019). Por essa razão, o paciente estava sempre planejando álbis para se proteger, caso fosse acusado de um dos assassinatos na cidade. Ao longo do tratamento psicanalítico, o autor pôde relacionar que essa obsessão do paciente remontava a impulsos de matar o pai, um homem demasiadamente severo. No entanto, curiosamente, o medo de assassinar pessoas surgiu, apenas, depois de o pai ter morrido em decorrência de uma dolorosa doença e, de acordo com Freud (1900/2019), era a projeção, em estranhos, de um remorso obsessivo pela morte do pai, anteriormente desejada.

Nesse sentido, Anzieu (1989) sublinha a importância da clínica da neurose obsessiva nesses primórdios da construção da Psicanálise. Consoante o comentador, devido ao fato de a neurose obsessiva ser uma afecção em que os desejos parricidas e incestuosos se manifestam tão abertamente, ela encaminhou Freud ao encontro do drama edípico auxiliado pelas descobertas que sua própria autoanálise permitiu. Na opinião de Anzieu (1989), se foi a partir da abordagem revolucionária de Freud sobre a histeria que se construiu a Psicanálise, ela só foi de fato fundada quando essa abordagem o permitiu compreender a neurose obsessiva e seus sintomas.

## **A neurose obsessiva em “O homem dos ratos”**

Entre os artigos pré-psicanalíticos e a publicação de “O homem dos ratos” (1909/2013), Freud elaborou os principais conceitos que compõem sua primeira tópica, tais como: inconsciente, pulsão e as fases de organização da sexualidade. Cientes de que essas formulações produzem efeitos cruciais no entendimento da etiologia e da clínica das neuroses, buscaremos demarcar que algumas concepções estabelecidas nos artigos iniciais permanecem ancorando a lógica freudiana. Para sustentar nossa tese, utilizaremos um caso clínico paradigmático de neurose obsessiva: “O homem dos ratos”. Nele, destacaremos os desejos inconscientes edípicos, sobretudo em sua vertente hostil, como base para a construção das manifestações obsessivas.



Ao comentarem o caso, Roudinesco e Plon (1998) informam que, em 1º de outubro de 1907, Ernst Lanzer, um advogado de 29 anos que sofria de diversas obsessões, chegou ao consultório de Freud para iniciar um tratamento psicanalítico que duraria cerca de dez meses. A principal obsessão que o atormentava nesse momento era o medo de que alguma desgraça acontecesse com seu pai (já falecido) e/ou com a dama com quem gostaria de se casar. Além disso, proibia-se de realizar coisas pouco importantes e tinha impulsos obsessivos suicidas de, por exemplo, cortar a própria garganta (Freud, 1909/2013).

Os comentadores acrescentam que a obsessão de Ernst já se manifestava há anos, eclodindo em 1901, dois anos depois da morte do pai do paciente (Roudinesco & Plon, 1998). Porém, foi um acontecimento em específico, ocorrido no verão de 1907, que conduziu ao agravamento de seu quadro obsessivo, sendo essa experiência o núcleo da análise empreendida por Freud. Ernst estava em um exercício militar na Galícia (Espanha), quando um dia ouviu um capitão discorrer sobre um castigo, comumente aplicado no oriente. Esse oficial era um sujeito afeito a crueldades, que defendia o uso de castigos corporais em seus subordinados, com os quais o paciente não concordava. Com muita resistência, o paciente contou para Freud que o castigo consistia em amarrar um homem e colocar sobre suas nádegas um recipiente com ratos, que, não tendo para onde escapar, perfurariam o ânus do indivíduo em busca de uma saída. Freud (1909/2013, p. 27) percebeu que a expressão facial do paciente denotava um “horror ante um prazer seu que ele mesmo desconhecia”. Naquela ocasião, logo após ouvir essa história, veio ao paciente a ideia de que aquilo aconteceria com a dama que amava ou com o pai, igualmente objeto de sua afeição. No entanto, esse temor era absurdo, visto que o pai do paciente já havia falecido há nove anos. A despeito disso, percebemos que tal fato não impedia que o pai permanecesse vivo em fantasia. De toda forma, não passa despercebido por Freud que essa ideia era acompanhada de uma sanção, como medida defensiva, que deveria ser tomada para evitar a realização desse castigo em quem quer que fosse.

Com o andar do tratamento, a relação de Ernst com o pai progressivamente se torna o assunto principal das sessões. Na quarta sessão, o paciente decide falar sobre a morte do pai, ocorrida há nove anos e que o atormenta desde então. Confidencia que na noite da morte, por não achar que o genitor corria risco de vida, decidiu deitar-se e dormir. Quando acordou, infelizmente, o pai já havia morrido. Tal acontecimento se tornou motivo para que o paciente se recriminasse por, em razão de sua negligência, não estar presente na hora da morte do pai. No entanto, Freud (1909/2013) observa que, curiosamente, somente um ano e meio depois – quando uma tia faleceu – é que essas recriminações passaram a torturá-lo, fazendo com que se sentisse um verdadeiro criminoso responsável pela morte do pai, mesmo conscientemente sabendo que não o era.

Seguindo o que já desenvolvera nos artigos pré-psicanalíticos, Freud (1896/1986c) considerou esse afeto do paciente verdadeiro, por mais absurdo que pudesse parecer. Supôs, então, que a culpa estaria deslocada para outra representação que não a original, tendo-se estabelecido, aí, uma falsa conexão, característica da neurose obsessiva. Conforme já anunciado, a representação original deveria ter permanecido inconsciente e caberia ao psicanalista procurá-la e desvelar as razões pelas quais o paciente se sentia tão culpado. Vemos, portanto, que o autor segue, aqui, a proposição segundo a qual, na neurose obsessiva,

a defesa conduz a uma perda dos nexos lógicos que interligam as representações. Um resultado que, consoante o autor, se estabelece como fruto do mecanismo de deslocamento (Freud, 1896/1986c, 1909/2013). Dito de outra forma, demarcamos que, nesse sentido, a tarefa do psicanalista permanece a mesma daquela enunciada em 1896 (1986c), isto é, tomar o afeto do paciente como verdadeiro e desvelar a representação original à qual estava vinculado.

A esse respeito, munido das construções teóricas estabelecidas em “A Interpretação dos Sonhos” (1900/2019), o autor elucida a deformação à qual estão sujeitos os pensamentos obsessivos. Em sua concepção, esse mecanismo funciona substituindo a representação original inconsciente por outra que faça referência a ela, ou alterando seu valor, isto é, transformando em importante algo que não o é (Freud, 1909/2013). Assim, o deslocamento obsessivo produz uma sensação de estranheza, de forma que o paciente não sente os pensamentos atuais como sendo genuinamente seus (Freud, 1900/2019, 1909/2013). Vemos assim que a ideia acerca da existência de representações incompatíveis se mantém, entretanto, agora, entendidas como se estabelecendo entre os conteúdos inconscientes e as exigências do consciente. Nesse movimento, uma vez que os desejos inconscientes não podem ser extintos, a consciência lhes permite uma realização parcial, emergindo os sintomas como formações de compromisso entre o retorno do recalado e o consciente, tal como outrora proposto por Freud (1896/1986c).

Nas sessões seguintes, o paciente discorre sobre sua infância, como se soubesse que as representações originais inconscientes ligadas às autorrecriações e à culpa deveriam ser ali buscadas. Aos poucos são trazidas à tona várias situações em que veio ao paciente a ideia da morte do pai. Ernst se surpreende com a existência de tais pensamentos, pois para ele a morte do genitor não seria, de forma alguma, seu desejo, e sim um receio. No entanto, para Freud (1909/2013), o sentimento de culpa por seus pensamentos contradiz suas declarações de que não tinha desejos hostis em relação ao pai. Se Ernst se sente culpado, é porque em algum momento teria tido tais desejos. Ademais, o medo da morte do pai, assim como seu forte amor por ele, eram justamente os indicativos da existência de um desejo reprimido. Conforme afirma Freud, o “amor intenso é condição para o ódio reprimido” (1909/2013, p. 40).

Considerando o material clínico relatado, Freud (1909/2013) defende que durante a infância do paciente esteve presente uma forte hostilidade em relação ao pai, na medida em que este se colocava como um empecilho à realização de seus desejos sexuais e ao seu erotismo precocemente manifesto. Dessa forma, destacamos que a rivalidade sentida para com o pai – um perturbador de sua sexualidade autoerótica e de seu desejo incestuoso pela mãe – se inscreve na lógica do complexo de Édipo, tal como já tivemos a oportunidade de descrever. E, embora a princípio Ernst não acreditasse na existência de tais desejos hostis, tal percepção mudou quando ele pôde (re)viver sua raiva no campo da transferência. Ao longo das sessões, ele passou a ter pensamentos, sonhos e devaneios em que xingava Freud e sua família. Ao mesmo tempo em que relatava isso a Freud, se afastava dele porque tinha medo de ser surrado, ou seja, temia ser punido por ele. Só então Ernst se lembrou com clareza de como o pai era alguém violento e implacável. A recuperação dessas lembranças, no ambiente da clínica, permitiu-lhe perceber os desejos hostis que nutria pelo pai. Como conclusão, Freud (1909/2013) propôs que as autorrecriações que sucederam à morte do pai derivavam de autorrecriações pelos desejos de morte a ele dirigidos, cuja origem remonta à infância e ao complexo de Édipo.

O autor destaca, então, a ambivalência afetiva que ligava o paciente ao pai: Ernst odeia o pai ao mesmo tempo que o ama, ficando subjetivamente dividido (Freud, 1909/2013). Ocorre que o amor não consegue eliminar o ódio, somente expulsá-lo em direção ao inconsciente, onde permanece atuando sem a interferência da consciência. Nesse caso, para controlar o ódio, mantendo-o no inconsciente, o amor precisa se tornar muito intenso. A ambivalência afetiva traz consigo o sentimento de culpa que atormenta o paciente e o pune por cultivar desejos hostis por alguém que tanto ama. Essa interpretação dos sintomas obsessivos se articula, em parte, com a definição feita por Freud em 1896 de que “as ideias obsessivas são, invariavelmente, autorrecriações transformadas que reemergiram do recalçamento e que se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância” (1986c, p. 160), posto que, na realidade, as atividades sexuais se passam no campo da fantasia. Nesse ponto, mesmo atentas que na descrição do caso do “homem dos ratos” o autor não empregue o termo “autorrecriações” muitas vezes, lembramos que nos artigos pré-psicanalíticos pudemos assinalar que as autorrecriações se relacionam com a sensação de culpa por algo recriminável. Assim sendo, percebemos que, no caso de Ernst, os sintomas são baseados em punições por se sentir culpado por seus desejos hostis infantis, recalçados, dirigidos ao pai.

Por fim, vimos que em sua primeira definição dos sintomas obsessivos, Freud se amparava na teoria da sedução para afirmar que o ato de sedução era ativamente vivenciado pela criança e acompanhado por atividades sexuais e agressivas, as quais deixavam como lastro a culpa e as autorrecriações. Já em “O homem dos ratos” (1909/2013), o autor precisa que aquilo pelo qual Ernst se culpa ou se recrimina também é infantil e de natureza sexual; porém tais afetos são, sobretudo, relacionados aos desejos hostis dirigidos ao pai, cujo recalque encontra raízes na infância, mais especificamente no complexo de Édipo, quando o pai se mostrou um obstáculo à realização de seu amor incestuoso pela mãe, tal como Freud havia bem precisado em seus primeiros escritos.

## Considerações Finais

O presente artigo se propôs a cumprir um duplo objetivo. Em primeiro lugar, indicar a inexistência de uma ruptura entre as proposições freudianas efetuadas antes e depois de 1900. Nesse sentido, procuramos trazer a ideia de que as formulações alicerçadas pelo autor, ao longo dos primeiros anos de seu trabalho, constituíram um arcabouço teórico indispensável para a fundação da Psicanálise propriamente dita. Em segundo lugar, pretendemos indicar que, nesse período inicial, a clínica da neurose obsessiva ocupou um lugar de destaque, posto que sua dinâmica auxiliou o autor a forjar aportes conceituais capitais, tais como a sexualidade infantil, a passagem da teoria da sedução à da fantasia e, com ela, a proposição do drama edípico como ponto nuclear das neuroses.

Destarte, iniciamos nossas considerações pela apresentação dos fundamentos teóricos alicerçados por Freud nos textos pré-psicanalíticos, no que concerne à decisão do psicanalista austríaco de especificar a neurose obsessiva como uma entre as neuropsicoses de defesa, ao lado da histeria e da psicose alucinatória. Como a designação já indica, nelas o autor destacou como central em suas etiologias o mecanismo psíquico defensivo de promover

o afastamento, da consciência, de vivências capazes de gerar sofrimento. Para tal, faz-se necessária a produção de um desligamento entre a representação da experiência e seu afeto correspondente, de forma que o destino oferecido a este é que definirá a patologia.

Na neurose obsessiva, propôs Freud, o afeto é deslocado para vivências inespecíficas. O interessante é que, mesmo perdendo seu vínculo com a vivência original, o paciente continua a se recriminar, só que por erros que não cometeu em concretude. A seguir, demonstramos que as autorrecriminações obsessivas levaram à proposição sobre a existência de um sentimento de culpa, que conquanto não se expressasse abertamente na consciência, justificaria as autorrecriminações. Se há um engano quanto aos atos recrimináveis, Freud parte do princípio de que os afetos não mentem e segue, clinicamente, suas trilhas no sentido de tentar desvendar quais seriam as atitudes originárias que estariam sustentando a culpa que baseia as autorrecriminações.

Nesse processo investigativo, seus pacientes foram indicando que as vivências pelas quais se culpam apresentavam caráter eminentemente sexual. Descrevemos, então, que o próximo passo clínico operado pelo autor foi o de tentar definir qual experiência sexual estaria amparando a emergência da neurose. Expusemos que tal passo encaminhou a duas vias distintas, igualmente importantes para o pensamento psicanalítico: primeiro, ao estudo da sexualidade infantil e, em decorrência, ao tema da realidade psíquica constituída pela fantasia e pelos desejos inconscientes que a dinamizam.

Foi nossa intenção salientarmos que nesse processo de teorização a clínica da neurose obsessiva se mostrou novamente valorosa. Isso porque sua sintomatologia específica revela a potência dos afetos hostis sustentados pelos desejos recalcados parricidas e incestuosos, favorecendo a elaboração da proposição freudiana sobre o drama edípico como ponto nuclear das neuroses.

Objetivando advogar a favor de nossas argumentações, utilizamos o caso “O homem dos ratos” de forma a demonstrar que essas formulações iniciais de Freud permaneceram guiando seu pensamento ao longo da condução desse caso clínico, ainda que em um nível mais complexo de teorização. Assim, explicitamos as autorrecriminações, o sentimento inconsciente de culpa, a ambivalência afetiva que ligava o paciente ao pai, bem como o desvelamento dos desejos parricida e incestuoso que o assombravam e perseguiram.

Por fim, gostaríamos de observar que o estudo apresentado neste artigo recobre um recorte tanto temporal quanto conceitual. Alertamos, portanto, que um estudo mais amplo acerca da neurose obsessiva, inscrito nos conceitos relativos às primeira e segunda tópicas, se mostra indispensável; principalmente porque a discussão sobre a problemática edípica fundamentará, sobremaneira, as considerações do autor sobre a complexa dinâmica estabelecida entre as três instâncias psíquicas: Isso, Eu e Supereu. Desejamos poder desenvolver essa temática em uma próxima oportunidade.

## Referências

Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da Psicanálise* (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Costa, T. (2016). *Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Freud, S. (1986a). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 135-148). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).
- Freud, S. (1986b). As neuropsicoses de defesa. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 51-65). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1986c). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In Freud, S. *Edição Standard das Brasileira Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 151-173). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).
- Freud, S. (1986d). Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 75-83). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996a). A psicoterapia da histeria. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2, pp. 271-316). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996b). Carta 46. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 276-280). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1996c). Carta 70. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 311-314). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1996d). Carta 71. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 314-317). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1996e). Rascunho K. As neuroses de defesa (Um conto de fadas natalino). In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 267-276). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).
- Freud, S. (1996f). Rascunho N [Notas III]. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 304-307). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In Freud, S. *Obras Completas: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 9, pp. 13-112). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2015). Atos obsessivos e práticas religiosas. In Freud, S. *Obras Completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 8, pp. 300-313). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1907).
- Freud, S. (2019). *Obras completas, volume 4: a interpretação dos sonhos (1900)* (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).
- Garcia-Roza, L. A. (2018). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Horst, A. S. B. (2023). *Autorrecreações e culpa na neurose obsessiva: um estudo sobre o Supereu na obra freudiana*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (1986). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp.
- Ribeiro, M. A. C. (2011). *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

### **From Pre-Psychoanalytic Texts to “The rat man”: Continuity and Transformation of the Conception of Obsessional Neurosis**

#### **Abstract**

This article aims to demonstrate that, even with changes in the foundations of Freudian theory, much of what was formulated about obsessional neurosis in pre-psychoanalytic texts remained, even if modified to a certain extent, part of the definition of obsessional neurosis in the first topic. For this, we examine how this condition was defined in the first pre-psychoanalytic texts, when it was considered a defense neuropsychosis and its etiology was identified in the experience of seduction. Therefore, it is noticed that the clinic of obsessions played an important role in the renouncement of the theory of seduction and foundation of the first topic by providing evidence of the existence and potency of Oedipal desires in the psyche. Based on an analysis of the case “The Rat Man”, several notions that were anticipated in pre-psychoanalytic texts on obsessions are identified. Among them, the displacement mechanism stands out; the conception of the symptom as a return of the repressed and as a compromise-formation; obsessive symptoms as transformed self-reproaches related to sexuality.

**Keywords:** Obsessional neuroses. Psychoanalysis. Freud.

### **De los textos prepsicoanalíticos a “El hombre de las ratas”: continuidad y transformación de la concepción de la neurosis obsesiva**

#### **Resumen**

Este artículo pretende demostrar que, aun con cambios en los fundamentos de la teoría freudiana, mucho de lo formulado sobre la neurosis obsesiva en los textos prepsicoanalíticos

permaneció, aunque alterado en cierta medida, como parte de la definición de neurosis obsesiva en la primera tópica. Para ello, examinamos cómo se definía esta condición en los primeros textos prepsicoanalíticos, cuando se la consideraba una neuropsicosis de defensa y su etiología se ubicaba en la experiencia de la seducción. En el camino, se percibe que la clínica de las obsesiones jugó un papel importante en el abandono de la teoría de la seducción y fundamentación de la primera tópica al evidenciar la existencia y potencia de los deseos edípicos en el psiquismo. A partir del análisis del caso “El hombre de las ratas”, se identifican varias nociones que fueron anticipadas en los textos prepsicoanalíticos sobre las obsesiones. Entre ellos destaca el mecanismo de desplazamiento; la concepción del síntoma como retorno de lo reprimido y formación de compromiso; síntomas obsesivos transformados en auto recriminación relacionados con la sexualidad.

**Palabras clave:** Neurosis obsesiva. Psicoanálisis. Freud.

### **Des textes prépsychanalytiques à “L’homme aux rats”: continuité et transformation de la conception de la névrose obsessionnelle**

#### **Résumé**

Cet article vise à démontrer que, même avec des changements dans les fondements de la théorie freudienne, beaucoup de ce qui a été formulé sur la névrose obsessionnelle dans les textes prépsychanalytiques est resté, même si modifié dans une certaine mesure, partie de la définition de névrose obsessionnelle dans la première topique. Pour cela, nous examinons comment cette condition était définie dans les premiers textes pré-psychanalytiques, lorsqu’elle était considérée comme une psychonévrose de défense et que son étiologie était localisée dans l’expérience de séduction. Dans cet esprit, on perçoit que la clinique des obsessions a joué un rôle important dans l’abandon de la théorie de la séduction et le fondement de la première topique en apportant la preuve de l’existence et de la puissance des désirs œdipiens dans le psychisme. À partir d’une analyse du cas “L’homme aux rats”, plusieurs notions anticipées dans les textes pré-psychanalytiques sur les obsessions sont identifiées. Parmi eux, se démarque le mécanisme de déplacement; la conception du symptôme comme retour du refoulé et formation de compromis; les symptômes obsessionnels comme auto-reproches transformés liés à la sexualité.

**Mots-clés:** Nevrose obsessionnelle. Psychanalyse. Freud.

Recebido em: 1º/3/2023

Aceito em: 22/4/2024